

Raquel chora mas não consegue se explicar

■ CPI tem provas de que em três anos a deputada destinou US\$ 2,6 milhões para entidade que ela própria preside em Rondônia

Brasília — Arnildo Schulz

BRASÍLIA — A deputada Raquel Cândido (PTB-RO) brigou, tossiu, chorou e até pediu a assistência de um médico, mas não conseguiu explicar as inúmeras denúncias de irregularidades na manipulação de recursos públicos destinados por ela ao Instituto de Desenvolvimento Político e Social Eva Cândido, do qual é presidente. Raquel Cândido remeteu para a entidade US\$ 2,6 milhões nos últimos três anos, através de emendas ao orçamento e de convênios firmados com o Ministério da Integração Regional. “Ela ficou numa situação muito delicada”, disse o relator da subcomissão de subvenções, deputado Luiz Máximo (PSDB-SP), encarregado de conduzir o interrogatório.

Raquel Cândido encerrou seu depoimento em lágrimas, dizendo aos filhos, que estavam na sala: “Eu não sou ladra”. Confessou, contudo, a sonegação de informações à Receita Federal, e admitiu que se aproveita eleitoralmente da aplicação de recursos públicos destinados ao Instituto Eva Cândido. “Tiro proveito político disso, mas como fruto de um trabalho sério e honesto”, afirmou. Depois contou que decidira criar a entidade para não ficar dependente de mineradoras, empreiteiras e narcotraficantes como financiadores de campanhas eleitorais. Questionada pela deputada Jandira Feghalli (PC do B-RJ), disse que não considera aético, nem imoral, beneficiar-se eleitoralmente de recursos públicos. “Acharia aético se os recursos não fossem bem aplicados”, respondeu.

Os recursos não são bem aplicados, de acordo com relatório do



Raquel não deu explicações convincentes sobre emendas que apresentava, conseguia liberar e administrava

Tribunal de Contas da União, que aponta diversas irregularidades na administração do dinheiro do Estado, obtido através de convênios com o governo. No ano passado, por exemplo, o Instituto Eva Cândido comprou um Mitsubishi Pajero (carro considerado de luxo pelo TCU) por US\$ 38 mil. Comprou também uma caminhonete Custom por US\$ 26 mil. Através desse convênio, a deputada comprou outros bens não especificados no plano de trabalho, como um duplicador digital no valor de US\$ 36 mil.

Raquel Cândido elaborava emendas direcionando dinheiro do orçamento para o Instituto Eva Cândido, providenciava a sua liberação junto aos órgãos governamentais e, depois, cuidava da aplicação dos recursos liberados. Ao todo, US\$ 2,6 milhões em três anos, contando convênios e subvenções. A deputada não conseguiu explicar também, de acordo com a deputada Jandira Feghalli, a evolução do seu patrimônio, que inclui imóveis em Rondônia, no Rio de Janeiro e em Brasília.

No depoimento, Raquel Cândido culpou quatro ex-funcionários por algumas das denúncias contra ela. Disse que foi roubada e que, por isso, foi obrigada a pedir dinheiro emprestado a um agiota que atua no Congresso Nacional. “Tô devendo a um agiota que empresta dinheiro aqui na Câmara”, contou, para perguntar em seguida, diante da cara de espanto de alguns parlamentares: “É crime falar no *Cafezinho* aqui?”. *Cafezinho* é o apelido do agiota, muito conhecido na casa.